

A Geografia e o Exercício do Trabalho de Campo: Relato de Experiência de Um Futuro Professor

Rahyan de Carvalho Alves¹

Vanessa Tamiris Rodrigues Rocha²

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar brevemente a experiência do trabalho de campo realizado no ano de 2019, a partir da proposta da disciplina de Geomorfologia, do curso de licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES – Minas Gerais, Brasil). Para tanto, utilizou-se como metodologia revisão bibliográfica e apresentação de relato de experiência. A realização de trabalhos de campo geográficos são relevantes, uma vez que tal exercício promove a imersão do acadêmico em distintas realidades socioambientais, promovendo a transposição da teoria e prática, colaborando, desta forma, para a formação docente de forma crítica e dinâmica.

Palavras-chave: Trabalho de Campo. Geomorfologia. Formação Docente. Cavernas do Peruaçu/MG.

Geography and the Exercise of Fieldwork: Report of a Future Teacher's Experience

Abstract: The objective of this paper is to briefly present the experience of the fieldwork carried out in 2019, from the proposal of the Geomorphology discipline, of the undergraduate course in Geography, at the State University of Montes Claros (UNIMONTES - Minas Gerais, Brazil). The methodology used was a bibliographic review and the presentation of an experience report. The realization of geographic fieldwork is relevant, since such exercise promotes the immersion of the student in different socio-environmental realities, promoting the transposition of theory and practice, thus contributing to the teaching education in a critical and dynamic way.

Keywords: Fieldwork. Geomorphology. Teacher Training. Caves of Peruaçu/MG.

La Geografía y el Ejercicio del Trabajo de Campo: Informe de Experiencia de un Futuro Professor

Resumen: El objetivo de este trabajo es presentar brevemente la experiencia del trabajo de campo realizado en el año 2019, a partir de la propuesta de la disciplina Geomorfología, del curso de pregrado en Geografía, de la Universidad Estatal de Montes Claros (UNIMONTES - Minas Gerais, Brasil). Para ello, se utilizó como metodología la

¹ Doutor em Geografia. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. E-mail: rahyncarvalho@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7225-5959>.

² Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. E-mail: vanessatamiiris@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8223-2785>.



revisión bibliográfica y la presentación del informe de experiencias. La realización del trabajo de campo geográfico es relevante, ya que dicho ejercicio promueve la inmersión del estudiante en diferentes realidades socio-ambientales, promoviendo la transposición de la teoría y la práctica, contribuyendo así a la formación docente de forma crítica y dinámica.

Palabras clave: Trabajo de Campo. Geomorfología. Formación del Profesorado. Cuevas de Peruaçu/MG.

Introdução

A geomorfologia pode ser entendida como o estudo científico das formas de relevo da superfície da Terra, sendo uma das peças mestras da ciência geográfica. Isto posto, ao buscar uma completa explicação de qualquer forma da Terra, há a necessidade de se realizar uma descrição da sua figura geométrica e compreender os processos envolvidos na sua gênese, bem como as transformações que essas processam ao longo do tempo. Assim, apenas descrever as formas de relevo não é o suficiente, é fundamental o conhecimento das características climáticas, tectônicas, litológicas e biogeográficas de uma região (TRICART, 1965).

Para a análise dos elementos natural e cultural/humanizado dispostos no espaço, é essencial o trabalho de campo, uma vez que este corrobora para a compreensão dos conteúdos abordados em sala de aula e que podem ser observados *in loco*, potencializando a compreensão da realidade. Pois, como afirmam Barboza e Rodrigues (2016), através do campo é possível chegar a uma maior compreensão do assunto previamente tratado, já que o aluno poderá ter uma visão mais minuciosa sobre a realidade na qual está inserido, sendo possível observar e refletir diante todas as transformações, dinâmicas e relações existentes naquele espaço.

Na geografia o trabalho de campo é bastante utilizado, tendo importância para o processo de ensino aprendizagem, pois os espaços e as dinâmicas socioambientais dispostos fora da sala de aula despertam o interesse do estudante, aguça a curiosidade e estimula a compreensão do ensino indissociável a pesquisa e a extensão (CARBONELL, 2002).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Sanches (2011, p. 85), denota que a atividade em questão “[...] permite ao aluno perceber e apreender os vários aspectos que envolvem o seu estudo, tanto nos aspectos naturais quanto nos sociais”, ajudando a perceber as categorias de análises, os atores que atuam e modelam o espaço e toda a dinâmica socioambiental que envolve a relação homem-meio.

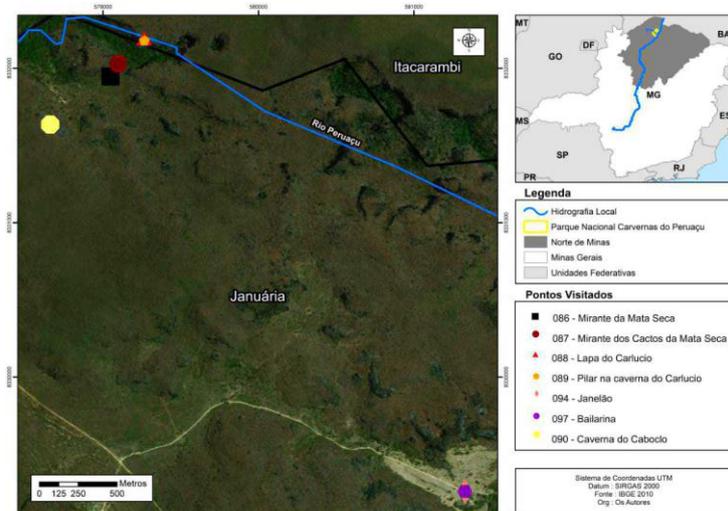
Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar brevemente a experiência do trabalho de campo realizado no mês de junho de 2019, a partir da proposta da disciplina de Geomorfologia, ofertada pelo Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). A atividade teve como região de análise três cavernas localizadas no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu; parque esse que é territorializado entre os municípios de Januária, Itacarambi e São João das Missões, no Norte de Minas Gerais. Para tanto, utilizou-se como metodologia revisão bibliográfica (através da leitura de livros e artigos científicos disponíveis em bibliotecas virtuais) e apresentação de relato de experiência.

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas, a saber: primeira concentrou-se em caracterizar o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, expondo sua localização, hipsometria, vegetação e unidades geomorfológicas. E a segunda etapa estruturou-se a partir da apresentação do relato de experiência do trabalho de campo.

Resultados e Discussões

O Parque Nacional Cavernas do Peruaçu é uma unidade de conservação federal, gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Foi criado pelo Decreto Federal de 21 de setembro de 1999, em uma área de 56.449 hectares, com o objetivo de proteger o patrimônio geológico, arqueológico, as paisagens, os recursos hídricos e demais atributos naturais da região. Localiza-se na região norte do estado de Minas Gerais, abrangendo os municípios de Januária, Itacarambi e São João das Missões (ICMbio, 2019) (FIGURA 1).

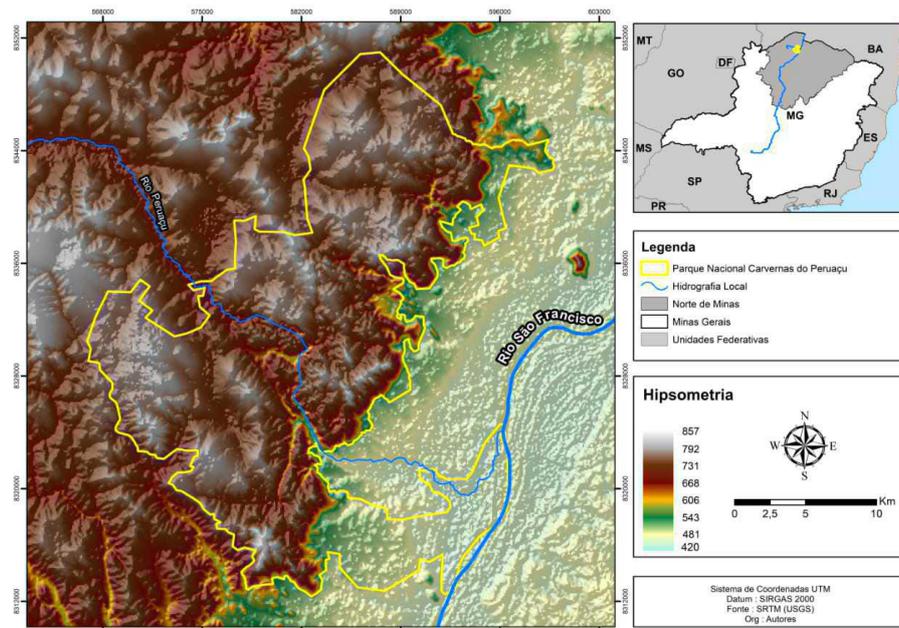
Figura 1 – Localização do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (MG).



Fonte: IBGE, 2010. Org.: Os autores, 2019.

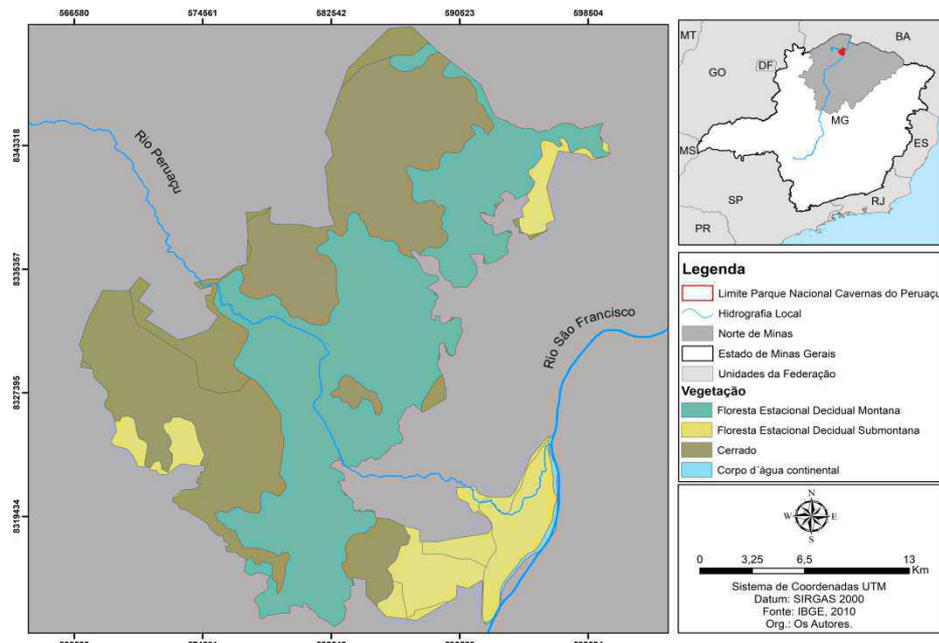
As altitudes variam entre 420 e 857 metros (FIGURA 2), com Clima Savânico Aw, pois apresenta uma estação mais seca no inverno, onde o mês mais seco tem precipitação inferior a 60 mm e equivale a menos de 4% da precipitação anual total (ICMbio, 2019).

Figura 2 – Hipsometria do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (MG) (SRTM/USGS, 2000).



Fonte: SRTM/USGS, 2000. **Org.:** Os autores, 2019.

A maior parte de sua vegetação é composta pela Floresta Estacional Decidual, e suas subdivisões, as quais podem ser descritas como fisionomias da Floresta Estacional Decidual (Mata Seca). As divisões referentes a estas fisionomias são classificadas não apenas por seu arbóreo e estrutura lenhosa, inclui ainda, as características do relevo local, podendo ser classificadas como: Montanas (Mata Seca encontrada na parte superior das montanhas da área analisada); Submontana (Mata Seca encontrada na parte inferior dos morros ou montanhas); e Cerrado, o qual pode ser classificado como Savana Arborizada sem Floresta de Galeria (ICMbio, 2019). (FIGURA 3).

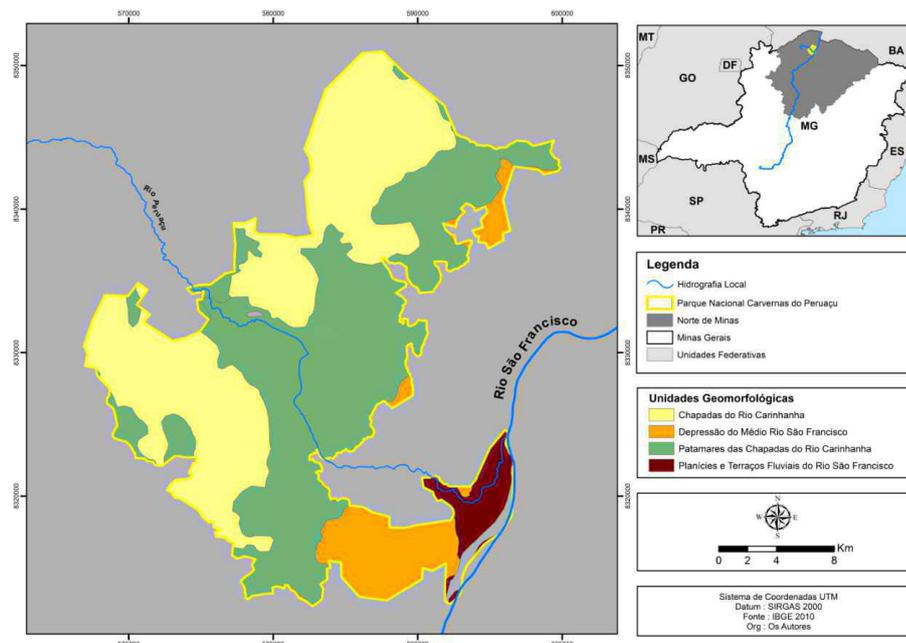
Figura 3 – Vegetação do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (MG).

Fonte: IBGE, 2010. **Org.:** Os autores, 2019.

O relevo predominante na região do parque é do tipo Cárstico, caracterizado principalmente pela existência de cavernas (também chamado de Zona Endocárstica), e formação de estalactites. A rocha calcária exerce uma influência marcante nas cavernas do Peruaçu, pois propriedades litológicas e petrográficas estão intimamente relacionadas à dissolução e a formação das cavernas (ICMbio, 2019).

As características petrográficas e químicas dos calcários superiores e inferiores do Peruaçu coloca-os em boas condições para a atuação dos processos de dissolução, particularmente em função da pureza da rocha (superior a 90% de calcita). O calcário inferior apresenta-se intercalado por lentes milimétricas de silte. De acordo com a variação da morfologia local, que está condicionada, em grande parte, pelas estruturas geológicas impostas por uma tectônica rúptil, observa-se uma importante exposição rochosa. O que pode ser verificado através dos planaltos carstificados (Planaltos do São Francisco) e dos paredões escarpados, determinando os efeitos de uma recarga rápida, favorecida pelas formas diretas de infiltração dos aportes pluviais (ICMbio, 2019).

Isto implica, para a porção central do carste do vale do Peruaçu, a existência de um regime hidrológico bastante influenciado pelas contribuições aquíferas de subsuperfície, como comprovado por algumas surgências de água subterrânea, as quais aparecem nas margens do rio (ICMbio, 2019) (FIGURA 4).

Figura 4 – Unidades Geomorfológicas do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (MG).

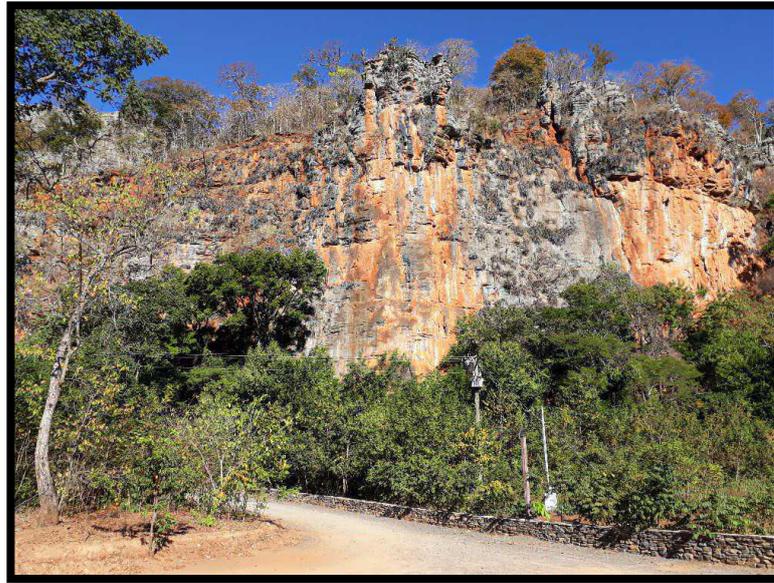
Fonte: IBGE, 2010. **Org.:** Os autores, 2019.

A saber, o parque possui aproximadamente 140 cavernas catalogadas, no entanto, atualmente, apenas 11 encontram-se abertas para visitação. Convém ressaltar ainda que, há hipóteses de que a região do parque já foi um mar raso, há cerca de 650 milhões de anos e, após seu recuo, deixou sedimentos calcários, os quais consequentemente foram modelados pelo clima (ICMbio, 2019).

A saída para o campo deu-se no dia 1 de junho de 2019, partindo de Montes Claros/MG por volta das 04h00min, rumo ao Parque, com parada na cidade de Mirabela/MG. O principal acesso utilizado foi a BR 135 e a chegada ao local ocorreu por volta das 08h30min horas – com a duração do trabalho de campo de dois dias.

O trabalho de campo supracitado teve como primeira parada, a sede da Área de Proteção Ambiental (APA), para o encontro com os guias. Após, seguimos em direção ao Centro dos Visitantes, para assinar o termo de responsabilidade individual e de preservação ambiental. Neste local, havia a presença de um exuberante paredão de calcário (FIGURA 5).

Figura 5 – Paredão de calcário localizado no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (MG).



Fonte: Os autores, 2019.

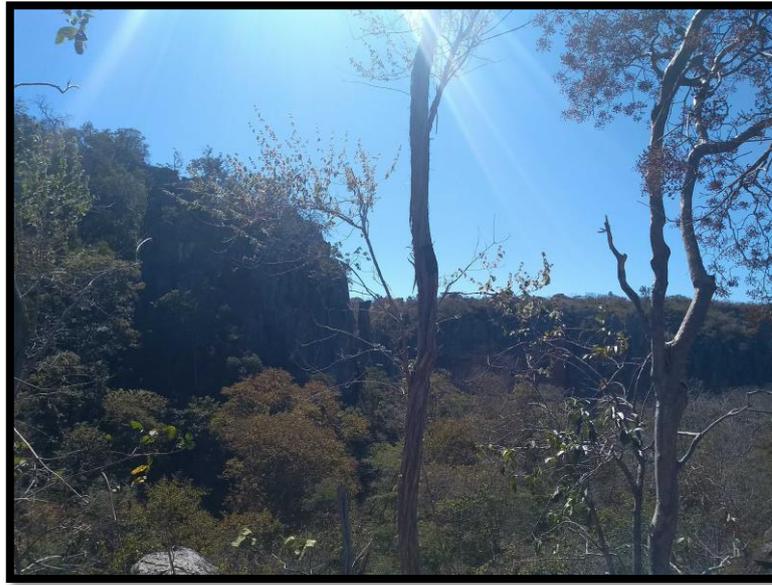
7

Em seguida, o professor nos mostrou um mapa de esboço do mosaico do SRTM (imagem de radar), com escalas de cores para descrever a altimetria, sendo útil para entendermos a localização do parque. Como explicado, todas as formas de relevo possuem uma dinâmica própria, assim, toda forma terá sua origem baseada em agentes internos e externos. Por isso, o processo exógeno é importante para se compreender a dinâmica da evolução do relevo, principalmente relacionado à região onde estávamos, uma vez que, a questão climática foi essencial para a formação do relevo daquele local.

Nesta região, há a presença majoritária de calcários pertencentes ao Grupo Bambuí Neoproterozóicos e, arenitos da Formação Urucuia do período Cretáceo, que influenciam o relevo de forma específica. Ressaltando ainda que, o processo linear apresenta grande importância, já que estávamos na parte do cânion do Rio Peruaçu (ICMbio, 2019).

Dando sequência ao campo, o próximo destino da atividade consistiu-se na Caverna do Carlúcio, para chegar à mesma, passamos, primeiramente, pelo Mirante da Mata Seca, onde foram abordadas as variações da mata seca nas diferentes épocas do ano (FIGURA 6).

Figura 6 – Mirante da Mata Seca localizado no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (MG)

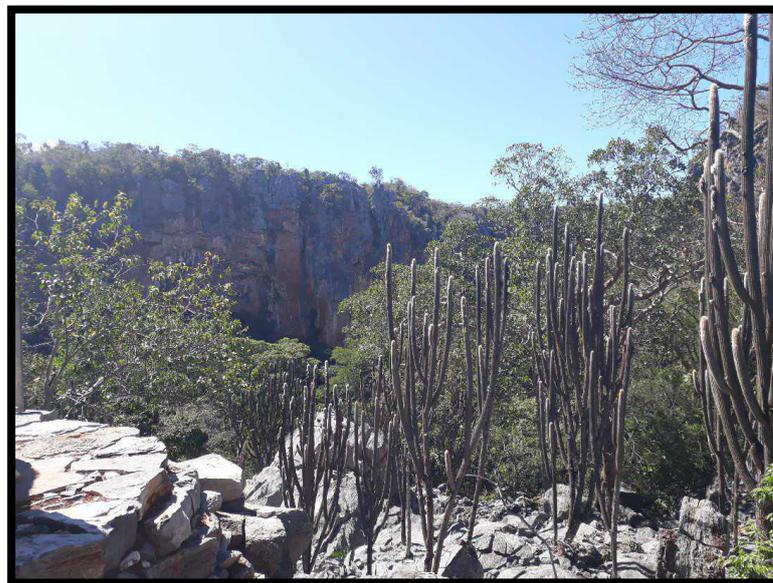


Fonte: Os autores, 2019.

Posteriormente, chegamos ao Mirante dos Cactos, onde era marcante a presença de lapiás de formação areolar (dissolução da rocha na interface do solo), de aparência quebrada, devido ao intemperismo químico (FIGURA 7).

8

Figura 7 – Mirante dos Cactos localizado no Parque Nacional do Peruaçu (MG) (AUTORES, 2019).



Fonte: Os autores, 2019.

Logo na sequência chegamos a Caverna do Carlúcio - nome dado por um morador local. Os conjuntos de espeleotemas são excepcionais, destacando-se travertinos enormes, escorrimentos, colunas, cortinas, estalactites e estalagmites. A mesma localiza-se na média vertente de um paredão do cânion do rio Peruaçu (margem esquerda). Nas margens da calha fluvial pode ser identificada uma Mata Ciliar. Há ainda a presença de algumas árvores decíduais, influência da mata seca que a circunda. Na frente da caverna há uma pequena planície sujeita a inundações no verão. Após a transposição dessa planície e do canal fluvial, a entrada da caverna pode ser atingida através de um forte aclive formado por blocos abatidos, caídos do próprio teto (FIGURA 8).

Figura 8 – Caverna do Carlúcio localizada no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (MG).



Fonte: Os autores, 2019.

O segundo destino consistia-se na Caverna do Caboclo, localizada em um paredão recuado na margem direita do Rio Peruaçu. Esta trata-se de uma das unidades estilísticas de pinturas rupestres distribuídas pelo território brasileiro. Nesta caverna os arqueólogos identificaram, pela primeira vez, o estilo de pintura Caboclo. Sua principal característica firma-se em evitar a sobreposição de pinturas, uma vez que, os desenhos são realizados em espaços livres. As tintas utilizadas foram confeccionadas a partir de pigmentos minerais e naturais, tais como: óxidos de ferro, manganês, calcita e carvão. Ressaltando ainda que, nesta caverna as pinturas são datadas de 15000 a 12500 anos (ICMbio, 2019) (FIGURA 9).

Figura 9 – Caverna do Caboclo localizada no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (MG).



Fonte: Os autores, 2019.

Neste local existem pinturas amorfas, que aparentemente não significam nada, mas também há pinturas zoomórficas e antropomórficas, no entanto, não se sabe o motivo destas. Seu interior é uma galeria única, com proporções médias, mas com muitos espeleotemas, a saber: estalactites e estalagmites.

E, por fim, percorremos um trajeto de 4800 metros, ida e volta, para chegar ao nosso último destino/ponto, a Gruta do Janelão. O desnível era de 110 metros, ou seja, envolvia aclives e declives, tendo o caminho um grau de dificuldade semipesado. A mesma é considerada o cartão postal do parque, sua trilha inicia-se ao lado do Centro de Visitantes do Janelão. Após alguns minutos de caminhada pela floresta, chegamos a um ponto de arte rupestre, o Sítio Ateliê Janelão, o qual surpreendeu a todos pelo seu estado de conservação (FIGURA 10).

Figura 10 – Arte rupestre no Sítio Atêlie Janelão (AUTORES, 2019).

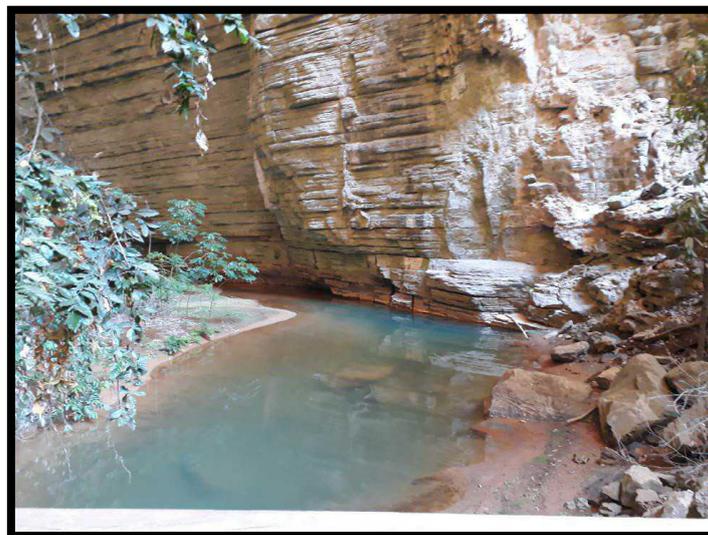


Fonte: Os autores, 2019.

O portal de entrada da caverna tinha quase 100 metros de altura, onde do primeiro mirante já era possível ter uma noção da magnitude do lugar. O acesso a esta era possibilitado por uma trilha, semelhante a uma escada, e graças às aberturas no teto, a luz natural favorecia a existência de uma pequena floresta.

O Rio Peruaçu corta a caverna, criando, inclusive, pequenas “praias de areia” (FIGURA 11). No percurso, o atravessamos duas vezes, em seu trecho raso, onde foram colocados alguns fragmentos de rocha e pequenas pontes para facilitar a travessia.

Figura 11 – Rio Peruaçu dentro da Caverna do Janelão (AUTORES, 2019).



Fonte: Os autores, 2019.

Do segundo mirante da gruta foi possível avistar os enormes conjuntos de espeleotemas, com variadas formas e cores. Os mais comentados e admirados assemelham-se a cogumelos vermelhos, chamados de travertinos.

Por fim, chegamos a uma espécie de praia no “Buraco dos Macacos”, onde encontra-se a reconhecida “Perna da Bailarina”, a maior estalactite do mundo, com 28 metros de comprimento. Após a visita desta, retornamos pelo mesmo caminho, algo consideravelmente mais cansativo, devido os aclives presentes no trajeto. Contudo, as paisagens belíssimas e o conhecimento adquirido, vieram a suprir as dificuldades vivenciadas por cada estudante.

Neste viés, é notória a importância do trabalho de campo para a formação docente. Uma vez que, o conhecimento adquirido em campo, tanto o conhecimento teórico (temas abordados pelo docente em meio ao percurso desenvolvido), quanto à prática propriamente dita (conhecer e explorar o espaço de forma responsável), colaboram significativamente para a plena formação acadêmica. Pois, segundo Castrogiovanni (2015), a utilização do trabalho de campo, como caminho e processo para compreensão da produção do espaço, é uma maneira de incitar os estudantes às experiências práticas de imensurável valor social, político e educacional.

Corroborando com esta linha de pensamento, para Castellar e Vilhena (2012):

Cabe destacar que o trabalho de campo é um momento especial para o aluno na medida em que o professor pode articular os aspectos teóricos do conteúdo desenvolvido em sala de aula com a observação dos fenômenos e objetos do lugar em questão. Assim, o trabalho de campo não será uma mera observação, mas um aprofundamento dos conceitos científicos. (CASTELLAR e VILHENA, 2012, p. 7).

Um trabalho de campo previamente planejado, atrelado à realidade vivenciada no contexto acadêmico viabiliza o conhecimento crítico dos estudantes, projetando sujeitos capazes de analisarem e intervirem na realidade experimentada *in loco* (CARBONELL, 2002),

Por fim, cabe ressaltar que esse trabalho de campo contribuiu positivamente para a turma do curso de licenciatura em Geografia/UNIMONTES, uma vez que, logo estaremos ocupando a posição de professores, assim, teremos que buscar, respeitando as individualidades de cada educando e da realidade das comunidades escolares, as melhores metodologias, técnicas e instrumentos/ferramentas de trabalho que favoreça o contato do aluno com a realidade vivida, contribuindo para o pleno processo de ensino e

aprendizagem. A saber, o trabalho de campo consiste-se em uma ótima possibilidade para alavancar a formação intelectual dos nossos futuros alunos e construirmos uma sociedade mais crítica.

Considerações finais

Esta pesquisa elucidou que na geografia o trabalho de campo é compreendido pelos professores como uma metodologia de ensino e pesquisa instigante, capaz de provocar no estudante a compreensão holística dos fenômenos, fatos, processos e desdobramentos de inúmeras naturezas que afetam a sociedade.

Neste viés, o acadêmico que passa pela imersão de um trabalho de campo, tende a ganhar enquanto profissional, com o desenvolvimento profissional a partir da interação direta com os conceitos e temas geográficos abordados em sala de aula, gerando experiência e aprimorando práticas de ensino, as quais podem ser utilizadas e reinventadas posteriormente, quando estes assumirem a profissão professor.

Além disso, o trabalho de campo foi fundamental para os estudantes compreenderem, refletirem, debaterem, assimilarem e internalizarem os conhecimentos teóricos adquiridos na disciplina de Geomorfologia, interligando-os com os conhecimentos absorvidos anteriormente, como a partir das disciplinas de Geologia I e II e Climatologia, fazendo sentido a relação existente entre as disciplina dispostas no Projeto Político do Curso.

Referências

BARBOZA, Brenda Swyly Souza; RODRIGUES, Havner Mendonça. Prática de ensino: A importância da aula de campo em disciplinas acadêmicas para formação docente em geografia. In: *Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos*, 2016, p.1-16, São Luiz/Maranhão.

CARBONELL, Jaume. *A aventura de inovar: a mudança na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. *Ensino de Geografia*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Movimentos fora da sala de aula: o trabalho de campo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos, TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor. André; COSTELLA, Roselane Zorden (Orgs.). *Movimentos no ensinar Geografia: rompendo rotações*. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

PARQUE NACIONAL CAVERNAS DO PERUAÇU. ICMbio, 2019. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/8642-o-parque-nacional-cavernas-do-peruacu>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.

PLANO DE MANEJO: ANÁLISE DA UC. ENCARTE 3. ICMbio, 2018. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/parna_cavernas_peruacu_pm_enc3.pdf . Acesso em: 17 de jun. de 2019.

SANCHES, Fabio de Oliveira. O Trabalho de Campo e Análise da Paisagem: proposta metodológica no Parque Nacional de Itatiaia. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Recife, v. 4, nº 4, p. 857-871, 2011.

TRICART, Jean. *Principes te méthodes de la Géomorphologie*. Paris: Masson, 1965.